História da Instrução e da Educação do Ceará

Plácido Aderaldo Castelo

CAPÍTULO I

Os jesuitas e a escola primária brasileira. Os hospícios (1) de Aquiraz e Viçosa. Alvará de 1759

Aos jesuitas devemos a implantação da escola primária e do ensino em graus diversos no Brasil e, consequentemente, no Ceará. Aportaram eles às terras de Santa-Cruz quando, na Europa, o soldado das fileiras de Santo Inácio se enchia de glórias no campo educacional e religioso.

No velho continente, a Reforma estava sendo enfrentada, em todos os setores, com notavel e ponderavel eficiência. Aos colégios e às universidades católicas prestavam eles consideravel força moral e intelectual.

Assim mais se realça o cumprimento de sua missão no solo brasílico, deserto e semi-bárbaro. Para agir, dicotomizaram os jesuitas a cultura, visando a aperfeiçoar o espírito paralelamente aos conhecimentos que o meio permitia, moldando a mentalidade dos ignorantes segundo os princípios que norteiam, guiam e plasmam consciências moral e intelectualmente válidas. Luta árdua e ingrata para ser decidida, quando virgem era a terra, cegos de conhecimentos os naturais, egoistas os colonizadores. Não é crivel que esse método de instrução e educação tenha encontrado adversários de real valor. O que se lhe deparou foram pseudo-des-

---

(1) "Hospício — s. m. (lat. hospitium) — habitação, morada, domicílio: — *da miséria*, lugar ou pessoa miseravel. *Hospício.* — ant. hospitalidade: «violaram a santa lei do hospício.» Couto. It. hospedagem que se faz a alguem. *Hospício* — Casa religiosa pequena onde se agasalham os religiosos da ordem viandantes; it. pequeno hospital ou casa onde se agasalham doentes pobres. "Novo dicionário crítico e etimológico da lingua portuguesa", Francisco Solano Constâncio, 1854, 5ª. edição.

truidores de uma gigantesca e imorredoura tarefa, que esses homens abnegados, conscientes e valentes, destemidos e humildes, cimentaram numa unidade preciosa, à custa de saber, moral e compostura, legando-a generosamente aos brasileiros. Souberam enfrentar adversários na Europa e, aquí, encontrariam campo para a luta mais renhida, mas tão proveitosa e util à Pátria e à Igreja, que admira, em vez de prosélitos, não hajam sido a hostilidade e a ingratidão as suas recompensas mais certas. A Igreja, porem, já traçara, havia séculos, o seu plano de palmilhar essas veredas, distribuindo os seus benefícios, evangelizando e instruindo para o Senhor.

Relata o padre Leonel Franca, em ***A Igreja, a Reforma e a Civilização***, que, em 1581, André Dudith escrevia nos termos que se seguem a um amigo: «Não me admiro ao ouvir que todos afluem aos colégios dos jesuitas. Possuem um saber variado, são eloquentes, ensinam, pregam, escrevem, disputam, dão à juventude instrução gratuita e com um zelo incansavel; sobretudo, recomendam-se pela modéstia e vida moral incontaminada.» E essa tradição sempre viveu, cultuada na América como no velho Continente, com o mesmo grau de intensidade, magnânima e perfeita em sabedoria, desinteresse e moralidade. Quando o ministro de D. José desferiu contra eles o golpe de expulsão, quinhentos mestres, como soldados de Deus e da Inteligência, militavam bravamente pela constituição de uma coletividade capaz, em nossas plagas.

Consta, das informações do padre José Anchieta, sobre o colégio da Baía, em 1585, o programa educacional que adotavam os jesuitas. Por certo, onde se fixavam, assim procediam, com desvelo e propósitos louvaveis. Esse, o programa adotado no Ceará, nos hospícios de Viçosa e Aquiraz. Em oito de Janeiro de 1697, eram expedidas aos governadores, de Pernambuco, Caetano de Melo Castro, e Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, do Maranhão, em face das conveniências demonstradas pelo padre Assenço Gago, cartas de ordens para a fundação do primeiro hospício — o de Viçosa.

Deste, entretanto (v. notas), como acentua o Barão de Studart, «a pesar de bem adiantado já ir o século XVIII, ainda era um simples desejo a ereção que tanto aproveitaria ao Ceará e capitanias limítrofes e isso explica os passos dados e os esforços empregados pelo padre João Guedes, superior das Missões do Ceará, a quem deu razão o Monarca, expedindo a carta régia, depois de extenso parecer aprovativo do Conselho Ultramarino que tem a data de 9 de Novembro de 1720».

O Colégio de Aquiraz, consoante o opinar fundamentado do Barão de Studart, data de 1727.

As palavras de Anchieta, ressalvando o preparo daqueles ordinandos da companhia e os que se aportaram com estudos incompletos, aos quais eram ministradas, bi-semanalmente, aulas de teologia, esclarecem o cuidado que dispensavam à instrução. Do colégio da Baía, diz o grande apóstolo: «Nele há de ordinário escola de ler, escrever e algarismo, duas classes de humanidade, leram-se já dous cursos de artes, em que se fizeram alguns mestres de casa e de fora, e agora se acaba terceiro. Há lições de casos de consciência, é às vezes duas de teologia, de onde sairam já alguns mancebos pregadores, de que o bispo se aproveita para sua Sé, e alguns curas para as freguesias.»

Acordam os historiadores em que os jesuitas, «onde-quer que levantassem uma casa ou obrissem um colégio, inauguravam, simultaneamente com a catequese do gentio e as aulas para os próprios irmãos da Companhia delas necessitados ainda, a escola de primeiras letras, que seria o germe de onde sairia a escola primária brasileira, quando mais tarde o Estado viesse a preocupar-se da instrução popular».

Os dois núcleos, Aquiraz e Viçosa, fundados no princípio do século XVIII, consoante o Senador Pompeu, no *Ensaio Estatístico do Ceará*, «eram os únicos encarregados do ensino público, e davam gratuitamente tanto a instrução primária como a secundária, mas esta somente àqueles jovens que se destinavam ao sacerdócio». E, assim, é exato que, no Ceará, como nas demais regiões da Colônia, o ensino particular primário é anterior ao oficial, que, de maneira geral, só foi iniciado ou admitido após a expulsão dos jesuitas, em 1759. José Veríssimo de Matos assinala e resenha nestas palavras a ação oficial, quando militavam os abnegados catequistas: «Até o fim do século XVII, mesmo nos princípios do século XVIII, a instrução pública no Brasil limitava-se à dos preparatórios ensinados nos colégios dos jesuitas e em algumas aulas de doutrinas teológicas, professadas em seminários irregularmente mantidos. Em 1699, foi criada uma escola de artilharia e arquitectura militar, por ventura o primeiro estabelecimento leigo de ensino no Brasil; tambem no Rio-de-Janeiro foi criada, em 1738, uma aula de artilharia e nestas aulas se ensinava a matemática necessária ao estudo das artes militares. No Pará, onde a instrução era quase exclusivamente jesuítica, fundou em 1751 o bispo D. Fr. Miguel de Bulhões um seminário episcopal, cuja direção confiou, entretanto, aos jesuitas.»

A instrução pública, consoante Varnhagem, «que se dava então no Principado limitava-se à dos preparatórios, que ensinavam os jesuitas nos seus colégios, e a algumas aulas de doutrinas teológicas, professadas em seminários irregularmente mantidos. No fim do século XVIII foi, entretanto, criada na Baía uma escola de

artilharia e arquitectura militar, primeiro com três partidistas, sendo esse número depois acrescentado de outros três. O aumento das riquezas, o bem-estar de muitas famílias permitia mandar à Europa prosseguir seus estudos, geralmente em Coimbra, muitos jovens brasileiros, alguns dos quais haviam já figurado, ou figuravam ainda nas letras, tanto no Brasil, como na Europa». Esse fim de século mereceu, do padre Antônio Vieira, triste conceito. A carta que dirigiu em 10 de Julho de 1692 (ele faleceu em 18 do mesmo mês e ano) a Sebastião de Matos fotografa nitidamente o Reino e a Colônia; assim, «das cousas públicas não digo a V. Mcê. mais que ser o Brasil hoje um retrato e espelho de Portugal, em tudo que V. Mcê. me diz dos aparatos de guerra sem gente, nem dinheiro: das searas dos vícios sem emenda, de infinito luxo sem cabedal, e de todas as outras contradições do juizo humano». (Varnhagem — 3°. vol., 333.)

Tomaz Pompeu, no *Ceará no Centenário*, vol. 2°., edição de 1926, resume a atuação dos jesuitas na Ibiapaba, com as seguintes palavras: «Se na Serra-Grande os jesuitas abriram anteriormente a 1759 escolas, a exemplo do que praticaram em outras partes, não há documentos que o provem. Ao contrário, nas missões de 1608 dos padres Pinto e L. Figueira, e na de 1615 dos padres Manuel Gomes e Diogo Nunes; e, na terceira, de 1622 dos padres L. Figueira e irmão Gaspar Fernandes, não houve criação de colégios. Na quarta missão orqanizada pelo padre Antônic Vieira em 1652 foi iniciada no Maranhão, no ano seguinte, a construção da casa e colégio jesuíticos. O padre José de Morais, tão minucioso em referir a ação jesuítica, na sua *História da Companhia de Jesús* nada diz quanto à instrução dos indígenas no Ceará.» E, citando Southey, acrescenta que «o padre Antônio Vieira ao embarcar na Baía para Lisboa, em 1655, recebera o mensageiro Tabajara, que vinha da serra de Ibiapaba, e lhe trazia cartas escritas em papel de Veneza e seladas com lacre holandês, e de quem, segundo todas as possibilidades, haviam aqueles naturais aprendido a escrita».

Vejamos, porem, o que nos relata o padre Antônio Vieira, na *Relação da Missão da Serra da Ibiapaba*, que a *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XVIII, ano XVIII, 1904, publica. São páginas que merecem meditadas e dizem com que sacrifícios foram semeadas a instrução e a educação dos primitivos habitantes da nossa terra. Leamos, inicialmente, a epopéia dos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira: «Pelos anos de 1605, sendo já pacificadas as guerras, que em Pernambnco foram mui porfiadas da parte dos naturais pelas violências de certo Capitão Português se tornaram a por em armas todos os índios avassalados, que havia desde o Rio-Grande até o Ceará, onde ainda tínhamos a fortale-

za que hoje defende aquele sítio. E como em todo o Brasil tinha mostrado a experiência o particular talento e graça que Deus deu aos religiosos da Companhia de Jesús para compor os ânimos desta gente, à petição do Governador do Estado, que então era Diogo Botelho, foi nomeado para esta empresa o padre Francisco Pinto, varão de grandes virtudes, e mui exercitado e eloquente na lingua da terra, e por seu companheiro o padre Luiz Figueira.

«E marchando por terra com grandes trabalhos e dificuldades, por irem abrindo o mesmo caminho que se havia de andar, chegaram em fim às serras de Ibiapaba, onde viviam, como acasteladas, três grandes povoações de índios *tabajaras* debaixo do principal *Taguaibunuçú*, que quer dizer *demônio grande*, e verdadeiramente se experimentou depois sempre nesta Missão que residia ou presidia naquele sítio não só algum demônio, se não *grande demônio*, pela grande força, grande astúcia, grande contumácia com que sempre trabalhou, e ainda hoje trabalha por impedir os frutos e progressos dela. Levantaram os *padres igreja na maior povoação da serra*, sem contradição dos naturais, antes com grandes demonstrações de contentamento, e enquanto insistiam quotidianamente *na instrução dos adultos, e declaração dos mistérios da nossa santa fé com grande fervor dos mestres, e dos ouvintes*, conhecendo uns e outros de quanta importância seria para a conservação e aumento desta nova conquista de Cristo ter pacificadas e quietas as nações bárbaras de tapuias que cercavam e infestavam os arredores da serra, trataram os Padres no mesmo tempo de fazer a si com dádivas todas estas nações feras, e fizeram pazes entre eles e os *tobajarás*, sendo os mesmos Padres os medianeiros, e ficando como por fiadores de ambas as partes.

«Mas debaixo deste nome de paz, traçando-o assim o demônio sem mais ocasião que a fereza natural destes brutos, entraram um dia de repente pela aldeia e pela igreja os chamados *tocarijús*, e estando o padre Francisco Pinto ao pé do altar para dizer missa, sem lhe poderem valer os poucos índios cristãos, que o assistiam, com frechas e partazanas, que usavam de paus mui agudos e pesados, lhe deram três feridas mortais pelos peitos, e pela cabeça, e no mesmo altar, onde estava para oferecer a Deus o sacrifício do corpo e sangue de seu filho, ofereceu e consagrou o de seu próprio corpo e sangue, começando aquela ação sacerdotal e consumando-a o sacrifício.

«Com a morte ou martírio do padre Francisco Pinto, cuja sepultura Deus fez gloriosa com o testemunho de muitos milagres que se deixam para mais larga história, o padre Luiz Figueira, ficando só e sem lingua, por que ainda a não tinha estudado, se retirou por ordem dos Superiores para o Brasil, tão sentido porem

de não ter acompanhado na morte, como na vida, ao Padre a quem fora dado por companheiro, e com tanta inveja daquela gloriosa sorte, que logo fez voto de voltar, quando lhe fosse possível, a levar por diante a mesma empresa, e buscar nela o mesmo gênero de morte, que Deus então lhe negara ao que ele dizia por indigno.»

Transitória, na verdade, era a empresa, outro que era o objetivo da Missão. Não fora esse trágico epílogo e, por certo, com interresse, novos missionários teriam sido designados para auxílio nessa Cruzada de redenção moral. O padre Vieira narra, nesses trechos, que os padres levantaram igreja na maior povoação da serra e insistiam «quotidianamente na instrução dos adultos e declaração dos mistérios da nossa Santa Fé». Não nos parece possa ser dito com maior precisão.

A instrução, nessa época, não poderia deixar de ser oral, preparando os missionários os espíritos para empregá-los com proveito, educando os sentimentos dos indígenas para que se constituissem em coletividade, tentativas, posteriormente, visionadas, e com algum êxito efetivadas.

Não abandonaremos, porem, a Antônio Vieira, que no capítulo XIV escreveu : «Ao princípio tiveram os padres três igrejas nas três aldeias, e depois fizeram outra, em que reuniram todas três. Estas quatro igrejas são hoje relicários preciosíssimos em que não há lugar onde não esteja engastado algum corpo, com toda a certeza santo, que é grande consolação, e ainda devoção para os que vieram a estas serras cavar estes tesouros, e vê-se claramente haver Deus enviado os dous Missionários da Companhia só o colher estas flores para as manter, como diz a Escritura, no ramalhete dos predestinados ; por que no tempo em que morreram mais de quinhentos inocentes, não chegaram a morrer quinze dos adultos, alguns dos quais acabaram com os Sacramentos daquela hora, e com grandes esperanças de sua salvação ; e outros, para temor dos mais, com evidentes sinais de sua perdição e condenação eterna. Os males que com presença dos padres se tem evitado, não são de menos consideração ao bem espiritual e temporal de todo o Estado. O caminho do Maranhão ao Ceará, e a Pernambuco, que estava totalmente fechado pelas hostilidades dessa gente, está hoje *franco e seguro*.

«As praias, e navegação de toda a costa está livre e melhorada como o seu comércio. Sobretudo estão reduzidos os *tabajaras* à obediência e vassalagem de sua Majestade sem armas nem despesas, e estão inimigos jurados dos holandeses, em cuja confederação era a serra de Ibiapaba o maior padrasto que tinha sobre si o estado do Maranhão, e o que só temeram, todos os soldados velhos desta conquista. Nos vícios da fereza e deshumani-

Mapa geral do que produzirão as Sette Villas e Lugares, que n'elle se declara para os Dizimos, Subsidio das Cameras, utilidade que tiverão os seus habitantes do serviço que fizerão aos moradores que os procuraram, rapazes que andão nas Escolas, e estam aprendendo off.os., raparigas nas mestras, n°. de Cazaes, almas, pobres de hum e outro sexo, rapazes, e mossos solteiros, Comp.as, n°. de praças que compreendem, Escravos, Cabeças de gado Vaccum, Cavallar e meudo que se tem podido apurar dezde o dia dos seus estabelecimentos the quatorze de Janr. de 1761, em que pelas distancias não pode hir incluido tudo o que renderão the o fim do ano de 1760.

	Villa de Viçosa Rl. No. 1o.	Villa de Mecejana No. 2o.	Villa de Soure No. 3o.	Montemor o novo No. 4o.	V.a. de Arronches No. 5o.	Villa de Extremoz No. 6o.	Villa de Arez No. 7o.	Total de todas
Rendimento dos Dizimos	254$080	0000	64$300	0000	105$600	101$040	115$000	640$020
Rendimt°. do subsidio de 400 rs. por cabeça que se conta p.a a Camera	125$000	14$000	0000	0C00	0C00	0000	0000	139$000
Ganho que tiverão os m.res dos serviços que ocuparão por jornal e ajuste	294$160	0000	0000	0000	0000	0000	284$240	578$400
Rapazes q. andão na escolla . . .	63	124	100	40	60	147	87	621
Raparigas q. andão na m.a. aprendendo a fiar, tecer e cozer	40	27	48	30	5	68	89	302
Rapazes aprendendo varios officios	5	4	8	3	3	8	9	40
N° de cazaes	1061	308	180	66	375	319	284	2593
N° de almas.	4441	1393	716	228	1434	1429	949	10588
Pobres de hum e outro sexo . . .	160	125	62	31	102	77	69	626
Rapazes e mossos solt.os. de hum e outro Sexo.	2613	973	324	100	704	765	362	5841
Auzentes de diversas idades e sexo	0000	1	0000	0000	0000	10	0000	11
Companhias	18	6	6	2	8	7	6	53
N° de praças q. comprehendem as ditas	909	300	300	100	400	350	300	2650
Escravos de hum e outro Sexo. .						15		
Cabeças de gado vaccum	4487	120	102	185	101	70	174	5239
Cabeças de gado cavallar	646	21	14	12	15	9	56	773
Cabeças de gado meudo	193	0000	0000	33	30	0000	68	324

dade estão tambem muito domados; já não matam, já não comem carne humana, já não fazem cativeiro injusto, já guardam paz e fidelidade às nações vizinhas, tudo por benefício da assistência dos padres.»

É simplesmente magnífico esse resultado educacional.

Demoremos nos trechos do capítulo XVII, em cuja súmula diz que *acabu com os índios cousas que pareciam impossivel*: «Assim mais se assentou com os *Principais*, e os cabeças da nação que se tornariam logo a unir em uma só povoação, em que se faria Igreja capaz para todos : que os que estavam ainda por batizar se batizarão : que todos mandarão seus filhos e filhas à doutrina duas vezes no dia, e *à escola* : que nenhum terá mais que uma mulher, recebendo-se com ela em face da Igreja : que se confessarão todos, ao menos uma vez, pela desobrigação da quaresma. Em fim, que guardarão eternamente a lei de Deus, e obediência à Igreja, na qual criou um ofício de Executor eclesiástico, chamado *braço dos padres*, e se proveu em um índio zeloso e de grande autoridade, irmão do maior *Principal*, para obrigar a todos a virem à Igreja, e cumprirem com outras obrigações de Cristãos, e os castigar e apenar, se for necessário. De tudo isto se fez *assento por papel, de que se deu uma cópia a cada um dos Principais, que vendo e pedindo eles que lhes ficasse, para que depois se lhes tome conta por ela e se veja quem melhor a cumpriu*. E por que a reformação começasse pelos maiores e pelo ponto de maior dificuldade, os três *Principais* foram os primeiros que se apartaram das concubinas, e se receberam com a mulher, que por direito era a legítima, fazendo oficio de pároco o Padre Superior da Missão, e correndo com boa parte da despesa para a festa das Vodas, que duraram por doze noites contínuas.»

Estas letras são encantadoras, delicadas e tão patrióticas, que empolgam a nossa mente, dão fortaleza ao nosso espírito, robustecendo a nossa convicção de que os alicerces da nacionalidade só poderiam suportar o edifício imenso que é hoje o Brasil, se trabalhados, como foram, por mestres de tão grande moral e saber. Foram consequentemente, Viçosa e Aquiraz, os núcleos-mater de nossa formação intelectual, educacional e religiosa (1). No primeiro o sangue de um martir e de inocentes amigos banhou o solo da Ibiapaba, para que os caminhos ficassem livres a todos. Exigiu mais sacrifícios. Foi, entretanto, o mais soberbo e bravio.

---

(1) — «Obtida a ordem para a fundação de um hospício no Aquiraz, alí edificou o padre João Guedes o hospício e a igreja, cujas ruinas ainda vemos. No frontespício da igreja li, em 1850, a inscrição, que dizia — 1753.» H. do Ceará, de Tristão Alencar Araripe.

Era, por certo, o primeiro vagido, a primeira luz, a fé religiosa inicial. Evidencia-se, pelo mapa anexo, o progresso e a iniciativa desses primeiros educadores e mestres em nossas terras. Nas cinco aldeias alencarinas, vamos encontrar, no setor profissional, 23 rapazes; aprendendo a fiar, tecer e cozer, demonstra o mapa o elevado número de cento e cinquenta raparigas; frequentando as escolas, trezentos e oitenta e sete alunos. Cuidava-se, assim, do ensino doméstico, do profissional e do de primeiras letras, bases para o aperfeiçoamento cultural e provas do alto sentido que emprestavam à educação e à instrução esses mestres da verdade e dos conhecimentos. Em contraste com esse critério e essa conduta, logo após a queda do magistério jesuítico, são as escolas das aldeias erigidas em vilas, com exceção da de Paiacú, que ficou sendo considerada *lugar*, por não satisfazer os requisitos exigidos para as vilas serem ministrados por mestres sem tirocínio nem força moral suficientes, em condições de enfrentar e contrariar propósitos indignos e gananciosos. Assim é que, da correspondência do ouvidor Avelar de Barbedo, noticia o Barão de Studart constar que o diretor da Vila-Real-de-Arronches retirara da escola e vendera quarenta e um meninos, índios, de ambos os sexos, o que foi atestado e firmado pelo tabelião e professor Nicolau Correia Marreiros, em 1 de Outubro de 1786. O eminente Barão de Studart conseguiu compor os quadros que se seguem, dando-nos, na ordem intelectual e moral, das aldeias elevadas à categoria de vilas, os nomes dos jesuitas até então responsaveis e os dos novos encarregados dos misteres àqueles confiados, que eram os de pároco, coadjutor, diretor, médico e mestre-escola ao mesmo tempo. Esta a relação do Barão de Studart, a que nos referimos :

Aldeia de Ibiapaba (2) (Vila-Viçosa-Real, em 7-8-1759)

Jesuita — Padre Rogério Canísio
Vigário — Padre Luiz do Rego Barros
Coadjutores — Padres José Machado Freire e Francisco Ferreira da Silva
Diretor — Diogo Aviz Correia
Mestre — Albano de Freitas

Aldeia de São-Sebastião-de-Paupina (Vila-Nova-de-Messejana, em 1-1-1760)

---

(2) — A deputação do Ceará, segundo o Barão de Studart — "Datas e Fatos" —, apresentava em 2 de Novembro de 1827 à Câmara Temporária «um projeto de criação de um liceu em Vila-Viçosa-Real, na serra de Ibiapaba, aproveitando-se para isso a casa colegial dos padres jesuitas».

Jesuita — Padre José de Amorim
Vigário — Padre Manuel Pegado de Sequeira Cortez
Coadjutor — Padre Caetano Ferreira da Silva
Diretor — João Caetano Martinz
Mestre — Elias de Sousa Pais

Aldeia de Caucaia (Vila-Nova-de-Soure, em 15-10-1759)

Jesuita — Padre José Inácio
Vigário — Padre Antônio Carvalho da Silva
Coadjutor — Padre Antônio do Canto de Almeida
Diretor — José Pereira da Costa
Mestre — Manuel Felix de Azevedo

Aldeia de Porangaba (Vila-Nova-de-Arronches, em 25-10-1759)

Jesuita — Padre Antônio Dantas
Vigário — Padre Antônio Coelho do Amaral
Coadjutor — Padre Francisco Jorge
Diretor — Manuel de Oliveira
Mestre — João Dias da Conceição

Aldeia de Paiacú (lugar Monte-Mor-o-Novo da América)

Jesuita — Padre José Caetano
Vigário — Padre Antônio Peres e Cardenas
Diretor — Joaquim Pereira de Melo
Mestre — Inácio de Assunção.

Temos, consequentemente, aí grafados os nomes dos primeiros mestres do ensino público, na conformidade dos dados expostos, com cerceamento de atribuições, aliás, em excesso complexas e que, efetivamente, não dizem respeito ao magistério propriamente dito.

Favoreciam-se, assim, aos professores, dando-se-lhes a oportunidade de, nos seus afazeres e tão somente neles, empregarem o seu esforço. A época não permitia tal a quem não possuia, como era regra geral, o cérebro forrado de princípios e conhecimentos que firmam a conduta dos indivíduos cívica, intelectual e moralmente capazes. A falta de energia do mestre de Arronches é explicavel; e, o bárbaro procedimento, teve o seu testemunho acomodatício, não protestando ou se opondo ao atrevido gesto de José Lopes Rosa do Amaral, diretor da aldeia. O meio social era por sem dúvida indiferente às afoitezas dos dirigentes. As censuras aos atos dessa espécie, quando chegados ao conhecimento da metrópole, perdiam a oportunidade para serem consubstanciadas

e tornadas efetivas. E os exemplos que os colonos permitiam aos indígenas não eram dignos, nem de generosidade, e muito menos de quem poderia considerá-los fraternalmente.

As escolas de Soure e Viçosa, antigas aldeias de Caucaia e Ibiapaba, tiveram, respectivamente, quando de suas inaugurações, as seguintes matrículas: 142 e 54 alunos. Da última, vinte pertenciam ao sexo masculino e 34 ao feminino. É o que nos assegura o Barão de Studart, em *Datas e Fatos.* Soure, por tanto, observado o limite máximo de alunos para uma classe, já admitia três mestres. Ao compararmos as matrículas dessas escolas com as constantes do mapa anexo, observaremos que, em Soure, quando aldeia, frequentavam a escola cem rapazes; que as prendas domésticas que a época permitia eram ministradas a quarenta e oito raparigas, num total, assim, de cento e quarenta e oito. Quanto a Viçosa, à escola compareciam sessenta e três rapazes, e quarenta raparigas cuidavam em fiar, tecer e coser, num total, por tanto, de cento e três. Assinalemos, ainda, que nas aldeias referidas cinco, na primeira, e oito rapazes, na segunda, aprendiam vários ofícios.

Com esse resultado e já os apontados, fecha-se o círculo educacional dos jesuitas e, já requerendo mais cuidado, sobretudo dedicação, e tornado mais complexos, em face do preconceito de raça, pela necessidade de escola para brancos, o problema da instrução e da educação passava às mãos dos leigos, saindo da direção de dezenas de homens instruidos e educados para meia duzia menos um de serventuários a quem se legava, quando muito, de gado cavalar das fazendas, um exemplar. Dir-se-ia que o juiz da partilha dos bens administrados pelos jesuitas era espírito finamento irônico.